

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
VIII CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial – Impressos

O uso do fanzine como estímulo à produção de texto jornalístico

André Azevedo da Fonseca¹
andre.azevedo@uniube.br

Raul Hernando Osório Vargas²
raul.vargas@uniube.br

Palavras-chave: imprensa alternativa; criatividade; fanzine

Na experiência da prática docente ministrando disciplinas teóricas nos primeiros períodos do curso de Comunicação Social na Universidade de Uberaba (Uniube) temos presenciado, em regra geral, um misto de ansiedade e frustração em relação a um desejo de produção imediata de textos jornalísticos. Com razão, alunos mostravam-se insatisfeitos perante a desvinculação entre conteúdos teóricos e a prática profissional. Tradicionalmente, a atitude de docentes limita-se a tentar convencer os alunos da importância da teoria para a compreensão de mundo e para o rigoroso preparo intelectual exigido pela futura prática profissional. Evidentemente, esses conselhos são inúteis, pois alunos estão corretos ao rejeitar conteúdos obscuros, abstratos e sem relações evidentes com o mundo e a prática profissional. As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação (MEC) registram claramente a necessidade da articulação entre teoria e prática nos planejamentos pedagógicos. Ou seja, o próprio documento do MEC sugere a valorização de atividades de pesquisa, estágio e extensão, sublinhando que a instituição de ensino deve integrar o saber acadêmico ao exercício profissional.

¹ Jornalista formado na Universidade de Uberaba (Uniube); Especialista em História do Brasil (PUC-MG); Doutorando em História na Unesp. Professor no curso de Comunicação na Uniube.

² Jornalista, Mestre e Doutor em Comunicação na Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do curso de Comunicação Social na Universidade de Uberaba (Uniube)

Como evidenciamos em um estudo anterior³, o educador Paulo Freire critica veementemente a separação entre teoria e prática nos processos educativos. Ele observa ainda que é um grande equívoco da tradição bacharelesca da universidade brasileira a insistência da associação entre “teoria” e “verbosidade”. Nesse sentido distorcido, como explica o educador, a teoria é apresentada como uma abstração, como uma oposição à vida prática. Mas para Freire, a teoria implica justamente em uma “inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo”. Assim, teorizar deve instrumentar a contemplação do mundo concreto. “Nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Ela é verbosa. Palavresca.” (FREIRE, 1983, p. 93). E essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra esvaziada da realidade, torna-se um impedimento para a aplicação da teoria na transformação da sociedade. “Em lugar de você usar o conceito (...) como mediador da compreensão do concreto, você termina ficando na descrição do conceito. Esse é o comportamento do nosso jovem dentro da universidade.” (FREIRE; BETTO, 1985, p. 10).

Freire defende que o conceito é indispensável na compreensão crítica do real em sua totalidade. Somente esse exercício intelectual é capaz de captar a interação dos fragmentos que o constituem. No entanto, isso jamais significa a sujeição do concreto ao abstrato, mas sim sua compreensão enquanto duas dimensões que se dialetizam no ato de pensar (FREIRE, 1981, p. 113-114). Frei Betto, em diálogo com Freire, reforça a idéia de que o conceito deve ser trabalhado como uma ferramenta para aprofundar o conhecimento do real. “A teorização deve regressar à prática (...) como uma nova luz. A luz não acrescenta nada ao real, mas permite vê-lo melhor, entendê-lo, captá-lo cientificamente. Enfim, a teoria se faz guia para a ação transformadora do real.” (FREIRE; BETTO, 1985, p. 77).

³ FONSECA, A.A.. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

O fanzine

Ao concordarmos que é imprescindível a relação entre teoria e prática nos processos pedagógicos, surge uma questão. Trabalhos práticos realizados em sala de aula não satisfazem o apetite dos alunos. Eles querem publicar. Querem ser lidos. Querem participar da arena pública. Os produtos laboratoriais do curso de Comunicação Social da Uniube são confeccionados em diversas mídias e veiculados em toda a cidade de Uberaba. O telejornal *Fábrica* conta com 30 minutos semanais de reportagem produzidas por alunos e é veiculado na TV Universitária local. O jornal-laboratório *Revelação*, atualmente bimestral, possui uma tiragem de 8 mil exemplares e circula encartado em um dos jornais da cidade. O *Revelação On-Line* está permanentemente disponível na Internet. Todos os alunos, orientados pelos professores, podem participar da produção e edição desses veículos. No entanto, a tendência verificada é que os alunos dos períodos mais avançados evidentemente têm mais facilidade para veicular suas produções, pois eles já têm a formação e a competência básica para produzir materiais jornalísticos. Ou seja, se em tese os veículos são para todos, o fato é que os alunos dos períodos iniciais sentem-se constrangidos e, na prática, não participam efetivamente. Não há como, nem seria produtor, reverter essa tendência, pois é natural que alunos mais avançados dominem melhor as ferramentas intelectuais e tenham mais desenvoltura para produzir conteúdo jornalístico. Por outro lado, evidentemente não tem sentido exigir que alunos dos primeiros períodos sejam capazes de redigir boas reportagens para veiculação pública. É óbvio que eles estão no curso justamente para aprender.

Tendo em vista esse problema – qual seja, a necessidade de estimular a produção nos primeiros períodos e a dificuldade de veiculação do material no espaço disponível nos veículos laboratoriais tradicionais – optamos por utilizar uma estratégia alternativa que simultaneamente contemplasse os objetivos de motivar os alunos a escrever e publicar; de aliar a teoria à prática nas discussões das disciplinas e de incentivá-los no exercício experimental da profissão. Surgiu, assim, o projeto do fanzine.

Primeiramente os alunos interessados participaram de uma “aula inaugural” sobre o conceito do fanzine. Percebeu-se que essa geração digital tem pouco conhecimento sobre a história dessa mídia alternativa caracterizada pela liberdade

temática, pela produção artesanal de pequena tiragem e pelo inerente caráter contestador – tendo em vista que o fanzine procura discutir assuntos não convencionais na mídia tradicional. Em uma eleição geral, depois de alguns palpites, chegamos a um nome: “Treco”, que significaria **T**extos e **R**eportagens de **E**studantes de **C**omunicação. Mas uma brincadeira *nonsense* pegou: surgiu a idéia de simular que o nome do fanzine seria uma espécie de sigla que mudaria o significado a cada edição. **T**arado **R**eina no **E**stado **C**elibatário **O**nanista. **T**eta de **R**ata **E**sconde **C**eia **O**rnamental. Como se vê, os alunos pegaram o espírito da coisa e passaram a se divertir na criação dessa nova mídia. Ponto para a motivação.

Discutiu-se se o fanzine teria editorias. Argumentei que esses recursos servem para que o leitor seja orientado em relação à leitura do texto, pois a chamada dá uma dica sobre o caminho da interpretação da matéria ao dizer se o texto é uma crônica, uma reportagem, um artigo, uma paródia, etc. Contrariando o professor, os alunos preferiram deixar de lado editorias, pois disseram que o leitor deveria ter liberdade ao interpretar os textos. Como a idéia era conferir bastante liberdade, aceitei a argumentação, esclarecendo que valia a pena correr o risco em termos de experimentação – não deixando de esclarecer, contudo, o sentido político e jornalístico das editorias em jornais e revistas.

Criamos um e-mail para receber os textos (trecozine@yahoo.com.br) e passamos a divulgá-lo para o curso. Os textos foram chegando e, em três dias, para nossa surpresa, fechamos a primeira edição.

Os artigos foram variados. Um aluno do 2º período escreveu uma reportagem sobre Hunter Thompson, o papa do jornalismo gonzo. O aluno traduziu trechos inéditos do jornalista americano e fez uma resenha original sobre suas obras. (É importante mencionar que na disciplina Técnica de Reportagem e Entrevista falávamos justamente sobre os representantes do *new journalism* americano. E é claro que não foi coincidência.). Outro aluno, do 4º período, preferiu escrever sobre sua experiência traumática ao trabalhar temporariamente no centro da cidade como uma espécie de embaixador do crédito, tentando convencer pessoas a tomar empréstimos pessoais em um banco. Uma aluna do 3º período produziu uma história em quadrinhos criticando os viciados em televisão, assunto muito discutido na disciplina Fundamentos Científicos da Comunicação. Um estudante

do 1º período escreveu dois contos intimistas, experimentando potencialidades da linguagem literária. Por fim, outro aluno do 1º período fez uma série de ilustrações mesclando estilos surrealistas inspirados em mangás japonês e em quadrinhos do estilo *Heavy Metal*. Com isso, fizemos uma galeria de arte, apresentando o autor das ilustrações.

Dois alunos ficaram responsáveis pela diagramação. Em menos de uma semana fizemos um projeto gráfico, apesar de ponderarmos que o espírito do fanzine deveria ser mais amador. Mas os tempos são outros. Pareceria artificial e fora de época se rejeitássemos os atuais recursos de editoração gráfica. Em outras palavras, esse fanzine do século 21 foi confeccionado com ferramentas sofisticadas como o *Pagemaker* e o *Photoshop*. Decidimos que a publicação seria diagramada no formato A5, semelhante ao padrão de histórias em quadrinhos. Estabelecemos que ele teria sempre 20 páginas e circularia quinzenalmente. O próximo passo era publicar.

Através de uma parceria com a gráfica universitária, conseguimos a impressão de 150 exemplares que foram distribuídos gratuitamente entre os interessados. E sem surpresa, pois sabíamos que o fanzine tinha ficado muito interessante, o fato é que o “Treco” pegou. Seja por causa da irreverência dos alunos, seja devido à novidade do projeto ou por causa da sensação de participar de uma mídia-laboratorial, os colegas se entusiasmaram e também queriam escrever. O “zine” circulou na universidade inteira e alunos de outros cursos passaram a enviar textos. E em uma semana tínhamos pronto outro fanzine, ainda mais anárquico.

Um aluno escreveu uma falsa matéria, simulando uma cobertura sobre uma briga de tapas que Fátima Bernardes e William Bonner teriam realizado ao vivo no Jornal Nacional. Um aluno do 1º período digitalizou sua própria cara no scanner da faculdade e decidimos publicá-la na capa. Outros alunos fizeram reportagens sobre o artista gráfico M. C. Escher (estudado na disciplina História da Arte), que foi capa de outra edição. Fizemos na disciplina Técnica de Reportagem e Entrevista uma reunião de pauta especial para fazer um fanzine sobre sexo. Os alunos escreveram reportagens sobre recados em banheiros femininos e masculinos, sobre nomes bizarros de filmes pornográficos, sobre as últimas novidades em *sexshops*, etc. Na chamada de capa, recuperamos a proposta ortográfica do poeta brasileiro Qorpo

Santo e escrevemos: Seqso! Mas para justificar a ortografia, uma aluna fez uma reportagem sobre esse poeta a proposta estética que inspirava sua obra.

Em síntese, com o fanzine conseguimos entusiasmar os alunos dos primeiros períodos através de atividades práticas motivadoras; oferecemos uma proposta para combater a frustração e a ânsia de produção, e criamos um espaço para prosseguir algumas das discussões estabelecidas nas disciplinas teóricas do início do curso. O fanzine tem evidente caráter laboratório, pois é sempre orientado pelo professor e chancelado pelo curso. A orientação está presente desde a discussão das pautas, na disposição gráfica e na correção dos textos – seja nas normas ortográficas, seja na coesão e coerência textual. No entanto, percebemos a importância de conferir plena liberdade aos alunos, pois assim eles assumem seu papel de sujeitos desse processo e se envolvem com mais entusiasmo em um projeto que a cada dia se torna mais autônomo.

Bibliografia

DIRETRIZES Curriculares para os Cursos de Graduação. Brasília: Ministério da Educação. Brasília: SESu/MEC, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=430&Itemid=420>>. Acesso em: 15 dez 2006.

FONSECA, A.A.. **Jornalismo para a transformação**: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo; Betto, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.